

AVALIAÇÃO E INOVAÇÃO SOCIAL EM EMPREENDIMENTOS ECONÔMICO SOLIDÁRIOS: A EXPERIÊNCIA DA AFESOL

GT 7 - Economia solidária e sustentabilidades

Tipo de Trabalho 1 - Resultado de pesquisa

CUNHA, Livia Maria da Silva¹

CUNHA, Luiz Alexandre Gonçalves²

SIQUEIRA, Mariana Fernandes³

TORRES, Lillian Cristina Cruvinel⁴

Resumo

O objetivo deste trabalho consiste em analisar como um empreendimento de economia solidária pode resistir e se consolidar no mercado a partir da elaboração de novos produtos. Apresenta-se a experiência vivenciada pela equipe de incubação da Incubadora de Empreendimentos Solidários (IESOL) junto à Associação de Feirantes de Economia Solidária (AFESOL), promovendo um processo de avaliação no empreendimento. Para tanto foram realizadas pesquisas bibliográficas referentes aos conceitos de sustentabilidade e inovação social, seguidos de uma pesquisa quantitativa com os consumidores da feira de economia solidária realizada semanalmente na UEPG. Os resultados apontaram críticas e sugestões em relação aos produtos comercializados, promovendo assim debates coletivos entre a AFESOL e a equipe que a acompanha. A partir das demandas verificadas na pesquisa e após uma visita técnica novos produtos foram elaborados pelos artesãos, priorizando materiais reutilizáveis para diminuir os impactos ambientais. Sabe-se que inovação social vai muito além desta prática, porém a AFESOL revela um grande potencial a ser explorado na incorporação de inovações produtivas.

Palavras-chave: Sustentabilidades; artesanato; empreendimento econômico solidário.

A Economia solidária e EES

A economia solidária constitui-se como uma proposta alternativa ao sistema econômico vigente, o capitalismo. Tal proposta começou sua expansão no Brasil, nas últimas décadas do século XX, como oposição ao individualismo competitivo do mercado e a reorganização promovida nos mundos do trabalho, que causou a precarização do trabalho e acentuado desemprego. Segundo França Filho:

A economia solidária pretende refletir sobre a realidade de uma outra economia, que se gesta em diferentes partes do mundo a partir de iniciativas de natureza cooperativista e associativista oriundas da sociedade civil e dos meios populares. A economia solidária é chamada de “outra economia” por buscar a redefinição de diferentes relações econômicas: de produção, comercialização, crédito ou consumo. Tais relações estão articuladas em torno do ideal de direito ao trabalho associado e democracia econômica. (FRANÇA FILHO, 2014, p. 54)

Esse cenário dominou a década de 1980 e a primeira metade da década de 1990, mas Ecosol só chega a ser uma política pública em 2003, com a criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Na página eletrônica da SENAES aponta-se que:

A economia solidária vem se apresentando, nos últimos anos, como inovadora alternativa de geração de trabalho e renda e uma resposta a favor da inclusão social. Compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas autogestionárias, redes de cooperação, entre outras, que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário.

(Em: <<http://portal.mte.gov.br/ecosolidaria/o-que-e-economia-solidaria.htm>>. Acesso em: x de julho 2015.)

Dessa forma, a economia solidária tornou-se um segmento que possibilitou a inserção de trabalhadores que estão excluídos do mercado formal e que passaram a perseguir os princípios da Ecosol (cooperativismo, autogestão, solidariedade e sustentabilidade). Com isso, estimulou-se a formação de empreendimentos solidários que possibilitaram a geração de trabalho e renda para aqueles que a passaram a integrar esses EES. Nesse ponto, é preciso discutir a própria definição de empreendimentos econômicos solidários, recorrendo a Nunes que os define, afirmando que:

aquele que gera renda aos seus associados, baseando-se na propriedade coletiva ou associada dos meios de produção, na autogestão e na participação em redes. Outras modalidades de empreendimentos solidários como os clubes de troca de bens ou saberes ou os bancos comunitários, por exemplo, nem sempre exigem uma base coletiva para a produção, mas o espírito da economia solidária, de gestão associada e articulação em redes, permanece. (NUNES, 2009, p.21)

Assim, EES, independentemente de sua natureza, podem ser considerados como expressão importante da economia solidária, porque somente com a existência deles, podem-se gerar trabalho e renda mantendo a fidelidade aos princípios da Ecosol. Também são nos EES que a autogestão, o cooperativismo, solidariedade e sustentabilidade são exercitados, norteando a organização administrativa e a viabilidade econômica. Dentre os princípios, destaca-se neste artigo a sustentabilidade, porque se propõe a analisar um dos EES apoiados pela IESol a partir dessa perspectiva..

Sustentabilidades

O tema sustentabilidade ganhou espaço a partir do agravamento dos impactos ambientais e de desigualdades sociais no mundo inteiro. Nesse texto, entende-se a sustentabilidade como a interação do homem com o mundo através de práticas que respeitem o meio ambiente afim de não comprometer os recursos naturais das futuras gerações. Mesmo assim, deve-se reconhecer que é um conceito complexo, pois se refere a um conjunto de variáveis interdependentes, portanto com a capacidade de integrar as questões sociais, econômicas e ambientais.

Dessa forma, muitas empresas passaram a se preocupar com essas questões, já que são nas práticas de produção que ocorrem os maiores prejuízos com o meio ambiente. Na economia solidária essa preocupação não é diferente, afinal, sustentabilidade é um dos seus princípios. De acordo com Cunha:

A consolidação da noção de sustentabilidade no mercado econômico tem haver também com a mudança de comportamento do consumidor que se relaciona com todo este processo de valorização da temática sócio-ambiental. Os consumidores criam uma consciência crescente de que têm que ser ativos no sentido de só consumirem produtos que sejam produzidos em padrões de respeito ao ambiente e a cidadania. (CUNHA, 2008, p.6).

Assim, a sustentabilidade está relacionada com aspectos econômicos, sociais e ambientais, que no caso de artesãos e costureiros está totalmente relacionada ao produto e ao seu ciclo de vida. Ainda, segundo Cunha, o “ciclo de vida de um produto indica as fases em que um produto passa, desde sua pré-produção até seu descarte, fazendo uma ligação entre ambiente e todas as fases deste produto. Em maior ou menor grau, todas as fases agredem o meio ambiente”(CUNHA, 2008, p. 6).

Inovação social

Devido às intensas mudanças ocorridas na sociedade, tanto de ordem social como econômica, cada vez mais surgem desafios complexos diante dos EES que se caracterizam por agregarem sustentabilidades (econômica, ambiental). Dessa forma, faz-se necessário uma constante busca por inovações, desde processos tecnológicos, novos produtos, nova clientela até novos mercados e formas de negociação. Segundo Schumpeter:

a principal explicação para o progresso econômico encontra-se no processo de destruição criadora, o qual se caracteriza pela introdução de novos bens de consumo, novos métodos de produção, os novos mercados ou novas formas de organização. (SCHUMPETER 1961 *apud* Maruer 2011)

Inovação, também é um conceito passível de diversos significados, pois a compreensão do mesmo é relativa ao contexto em que estiver inserido. Dessa forma, no que se refere a EES o que acontece não é muito distante, pois a inovação é fundamental para que eles consigam resistir e se consolidar economicamente através da oferta de produtos de boa qualidade, a preços mais competitivos. Para que isso ocorra é preciso aperfeiçoamento dos produtos, métodos, e na maneira de gerir essas organizações para que seja possível se adequar frente ao mercado formal, Assim, pode-se entender a inovação como fator estratégico para o sucesso dos empreendimentos.

Inúmeras vezes a inovação está somente ligada à questão de ganho e de competitividade, porém, para que ela seja de fato eficaz, deve conceber, além das demandas econômicas, as necessidades sociais. Conforme apontado por Farfus e Rocha:

pode-se afirmar que os sistemas culturais e empresariais consolidaram modelos de gestão que não têm dado conta das demandas sociais, concebidos, exclusivamente, a partir do desenvolvimento econômico e, nesse sentido, movimentos, em todas as direções, buscam diminuir as mazelas sociais vividas nas diferentes realidades. O desenho de novas estratégias é condição *sine qua non* para a superação dos desafios da sociedade pós-moderna, considerada por muitos estudiosos como um momento de transição histórica. (FARFUS; ROCHA, 2007, p. 17-18)

Nesse sentido, alguns autores apontaram a necessidade do desenvolvimento de inovações sociais para manter a efetividade econômica de uma organização junto às inovações tecnológicas.

No entanto, considerando que inovação social seja um processo direcionado a atender e suprir necessidades, buscar soluções (humanas e ambientais), cujo o objetivo é transformar e aprimorar as relações sociais, comerciais, ambientais e culturais visando o desenvolvimento de uma organização em todos estes aspectos e não somente no econômico, entende-se que ela deva acontecer de diferentes formas e organizações :

[...] ações tendentes a propiciar ou acelerar o desenvolvimento não devem perseguir apenas objetivos econômicos. Elas devem ser guiadas também por objetivos que não são econômicos no sentido estrito do termo e sim também pela busca da justiça, da equidade, da solidariedade, da inclusão dos grupos marginalizados, da expressão das individualidades, da minimização dos impactos ambientais e da preservação do tecido sociocultural, entre outros. (CASTOR, 2007, p. 78-77)

Assim, a proposta se enquadra perfeitamente no ideário da economia solidária, onde os EES podem elaborar produtos socialmente relevantes, podendo contribuir em todo âmbito social e nas mais diversas modalidades de organizações.

AFESOL e a necessidade de “inovar”

Neste contexto, inscreve-se a Associação de Feirantes de Economia Solidária (AFESOL), um empreendimento composto por seis artesãos/feirantes (01 homem e 05 mulheres), que se organiza e desempenha as atividades a partir dos princípios da economia solidária. O grupo possui uma característica bem peculiar, ou seja, tanto a produção, quanto a comercialização ocorrem sob duas modalidades: imdividual e coletiva, situação esta bastante incomum em grupos/associações de feirantes. Os trabalhadores produzem itens individualmente e assim os comercializam. Porém, também trabalham de forma associativa na produção e comercialização de outros produtos. Na produção individual são encontradas bijuterias, roupas infantis, roupas para animais, panos de prato, tecidos bordados e pintados, dentre muitos outros e produtos alimentícios (pastel, crepe, salgados em geral, bombons, bolachas, suco e outros). Já no coletivo, o produto principal são as bolsas de lona, que têm como matéria prima malotes doados pelo Banco do Brasil e pelos Correios, que antes eram incinerados, mas que após passarem por um processo de beneficiamento (lavagem, secagem e desmanche) são transformadas em bolsas, malas, pesos de porta, *necessaires*, porta-moedas e estojos. Assim, a sustentabilidade ambiental e o trabalho cooperativo incitados pela economia solidária estão presentes nas atividades da referida associação.

Os integrantes da AFESOL participam de feiras e eventos para expor e vender seus produtos, sendo um desses locais a Feira de Economia Solidária, que ocorre semanalmente no interior dos *campi* da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). A integração dos feirantes nesse espaço se deu pelo contato com a Incubadora de Empreendimentos Solidários (IESOL), programa de extensão da referida universidade, que atua fomentando e disseminando os preceitos

da economia solidária em Ponta Grossa/PR e região, bem como auxiliando empreendimentos que se apropriam de tal proposta.

A IESOL, assim como outras incubadoras, “atendem grupos comunitários que desejam trabalhar e produzir em conjunto, dando-lhes formação em cooperativismo e economia solidária e apoio técnico, logístico e jurídico para que possam viabilizar seus empreendimentos autogestionários” (SINGER, 2002). Embora se situe dentro de uma universidade pública a incubadora conta com diversos parceiros, como a Cáritas Diocesana de Ponta Grossa, prefeituras municipais, instituições e empresas públicas e privadas, sendo financiada por projetos, dentre eles, o projeto “Fortalecimento da Economia Solidária nos Campos Gerais” e o PRONINC (Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas): “Economia Solidária, desenvolvimento territorial e tecnologias sociais no território da IESOL/UEPG”, financiado pela MTE/SENAES/CNPq. Especificamente, no primeiro projeto citado, que conta com o patrocínio exclusivo da Petrobrás, são apoiados oito grupos, dentre eles está a AFESOL, que encontra-se na última etapa do processo de incubação, segundo as metodologias utilizadas.

Como dito anteriormente, a associação realiza feiras semanais na UEPG, entretanto, há algum tempo começaram a surgir problemas em relação ao espaço ocupado pelas feirantes, principalmente devido ao cheiro de fritura, proveniente da barraca da trabalhadora que produz alimentos. Reclamações de funcionários dos departamentos próximos chegaram, inclusive, a Pró-Reitoria de Extensão. Algumas pessoas, até da própria equipe de incubação, também haviam percebido problemas com o artesanato, principalmente com os produtos coletivos, relatando que não havia variedade. E, com relação aos produtos individuais, a queixa era de que não haviam itens que interessavam aos universitários, público este, que deveria ser atingido.

Todas essas dificuldades renderam diversos debates nas reuniões de planejamento da equipe que acompanhava o EES. Tal equipe era constituída por estagiários e técnicos de diversas áreas do conhecimento e essa interdisciplinaridade possibilitou a exposição de visões bastante diferentes sobre a condução do trabalho, gerando discussões enriquecedoras e produtivas. Dessa forma, frente os problemas apontados e depois de várias discussões, a equipe chegou ao consenso de que era extremamente necessário fazer uma avaliação sobre a realização da feira no espaço cedido pela universidade. Isso se revelava fundamental até para a equipe avaliar a viabilidade econômica da AFESOL. Seria uma espécie de “pesquisa de satisfação” para verificar a aceitabilidade dos produtos, tanto do artesanato como do alimento, ouvir dúvidas, sugestões e reclamações dos consumidores.

Assim, foi estruturado um questionário, com dez questões, que indagavam sobre a qualidade dos produtos, que abordavam o tema do preço justo, entre outros aspectos. Aproveitou-se para

inserir uma pergunta para investigar a visibilidade da IESOL e da economia solidária na UEPG, bem como coletar sugestões afim de aprimorar a feira. A pesquisa quantitativa foi realizada em dois dias, nas dependências da universidade, onde foram entrevistadas 59 pessoas, entre alunos, professores, funcionários e visitantes.

Após a tabulação, os dados demonstraram que dos entrevistados a maior parte eram alunos e funcionários, todos relataram que conheciam a feira e desses, mais da metade (66%) afirmaram conhecer a proposta de economia solidária. Em relação ao segmento de artesanato mais da metade dos entrevistados (58%) disseram que não compram produtos artesanais, porém, a maior parte deles (71%), mesmo os que não compram, quando questionados sobre o preço, afirmaram considerar o preço final dos produtos justo e ainda salientaram a importância de verificar se o preço final está adequado ao tempo de horas trabalhadas pelas associadas e ao custo da matéria-prima. A justificativa dada pelos entrevistados ao fato de não comprarem o artesanato foi a falta de variedade dos produtos e como sugestões, as mais frequentes foram de mais variedades, produtos com mais utilidade aos universitários e acompanhar as datas comemorativas.

Ainda sobre o artesanato foram realizadas questões específicas sobre a bolsa confeccionada a partir dos malotes, onde mais da metade dos entrevistados afirmaram conhecer o produto (64%), porém, o número de pessoas que já compraram a bolsa chamou atenção, apenas 7% dos entrevistados relataram ter comprado. Esse resultado levou a equipe de incubação a analisar com mais cautela o motivo do desinteresse dos clientes em comprá-la. Entre as justificativas de não comprarem a bolsa foi bastante salientado que os modelos são apenas femininos, há pouca variedade, falta exposição e divulgação do produto e também foram citados aspectos relacionados a qualidade da produção.

Referente aos alimentos, mais da metade dos entrevistados (56%) afirmaram que consomem ou já consumiram lanches ou alimentos comercializados na feira e a maior parte (67 %) considerou o preço dos alimentos justo. As justificativas dadas pelos respondentes que não consomem apontam para o desconhecimento da procedência dos alimentos e para a ausência de variedade. Entre as sugestões foram elencados: sucos naturais, lanches vegetarianos, veganos e integrais.

Por fim, foi elaborado um ranking dos aspectos críticos da feira que foram apontados com mais frequência durante as entrevistas, resultando em: 1º Divulgação da Feira, 2º Aumentar a variedade de produtos, 3º Preço Justo e, em 4º Divulgação da procedência dos produtos.

A partir dessa sistematização, foi realizada uma reunião entre equipe de incubação e associados para que os resultados da pesquisa pudessem ser apresentados e debatidos coletivamente. Durante o encontro, pautando-se nas premissas da “Educação Popular”, a equipe estimulou a construção participativa de um quadro, apontando possíveis mudanças e soluções para

atender melhor o público, pensando, também, no objetivo maior da economia solidária, que é gerar trabalho e renda para essas trabalhadoras e trabalhadores que vivem a margem do mercado formal. Para a elaboração do quadro foi proposta uma pergunta aos associados: “O que podemos melhorar?”. Pode-se elencar alguns pontos com as respostas obtidas: a compra de tecidos para customizar e agregar mais valor as bolsas (essa resistência de comprar outras matéria-prima se dá por não serem de EES, já que ainda não se tem uma rede consolidada que atenda a todas as demandas), bolsas de diversos modelos com divisórias (maior variedade e que atenda a necessidade do público universitário), desenvolver modelos de bolsas para o público masculino, buscar em um local mais adequado para a barraca de lanches (um lugar que não incomode, como também um lugar mais confortável para que a associada não fique totalmente exposta as variações climáticas), ofertar outros alimentos (bolo e sanduíche natural) e melhorar a divulgação da feira (inicialmente com uma faixa para indicar a realização da feira). Dentre todas as ideias também surgiu a de visitar a Feira do Largo, que acontece no centro histórico de Curitiba/PR, com o objetivo de ver o funcionamento de outras feiras de artesanato (embora convencionais) e adquirir ideias para a produção de novos produtos, almejando inovações.

A saída técnica aconteceu, aproximadamente, após um mês, reunindo a equipe da IESOL e os associados. A Feira do Largo é uma feira de arte e artesanato muito conhecida, inclusive internacionalmente, há artesanato em todos os tipos de materiais e são muitas as barracas de comercialização. Após a viagem, muito se comentou sobre a infinidade de itens comercializados e a necessidade de garantir a qualidade do produto para manter-se atuante e ter consumidores. Pessoas da equipe adquiriram peças que despertaram o interesse de algumas artesãs, como por exemplo, um porta-livros. Uma das senhoras da AFESOL se dispôs a confeccionar um produto semelhante a partir da reutilização da lona do malote. Com a habilidade de costura que a associada possui o produto ficou semelhante, fizeram a customização e o resultado final foi ótimo. A peça já compõe a produção coletiva da AFESOL. Também iniciaram a produção de aventais masculinos a partir do mesmo resíduo (lona), que podem ser usados em oficinas, em churrascos (para agregar mais valor as peças estão sendo bordadas por terceiros) e painéis de foto. Além disso, outras mudanças, mesmo que graduais, foram perceptíveis na barraca de alimentos. A associada que produz esses itens tratou de realocá-los e agora eles estão dispostos em um ambiente mais fresco e na sombra, passou a trazer em todas as feiras bolo e também diminui a produção de salgados fritos.

Figura 1 – Avental para churrasco da AFESOL



Fonte: autoria própria..

Na avaliação final, a equipe da IESOL fez a última reunião do ano com a AFESOL e o objetivo desta consistiu em avaliar o ano de 2014, expondo os pontos positivos e negativos. Dentre esses pontos, os associados falaram da questão da produção e se mostraram receptivos a ideia de continuar a desenvolver mais produtos. Porém, relataram que ainda não foi possível dar uma amplitude maior porque na associação há somente uma máquina reta e por enquanto a produção ocorre em um dia da semana. A expectativa dos associados é que em breve terão mais máquinas e equipamentos que vão melhorar as condições de produção e consequentemente, ampliar a produtividade e dar suporte a novas criações.

Considerações finais

Foi fundamental para o trabalho da equipe de incubação identificar o momento de promover uma avaliação no empreendimento, demonstrando-se útil tanto para nortear as atividades de planejamento da incubação, como para apontar fragilidades na viabilidade econômica da AFESOL. A maneira como a abordagem foi conduzida, considerando as críticas e buscando soluções coletivamente, também permitiu uma integração ainda maior entre a equipe e os incubados.

É importante que os associados estejam abertos a críticas e sugestões, assim como é necessário que estejam atentos as preferências dos consumidores que os cercam. No caso da AFESOL, a comercialização ocorre atendendo diferentes públicos (professores, funcionários e estudantes da UEPG), no entanto, trata-se de consumidores regulares que precisam ser mantidos. Portanto, em algum momento, esses consumidores podem desejar novos produtos e ainda pautarem suas escolhas através de metas de transformação social.

O processo de avaliação indicou a necessidades de adaptações, mudanças e incorporação de novidades na produção. Essa situação gerou na equipe de incubação grandes discussões sobre a temática, que passou a vislumbrar o conceito de “inovação social” como meta de trabalho com o grupo. Isso foi pensado porque a AFESOL já desenvolve trabalhos nesse sentido (de destruição produtiva), afinal, recebe resíduos sólidos (malote) e confecciona outros produtos a partir dessa matéria-prima. Inclusive, a sustentabilidade ambiental é uma preocupação constante e evidente na associação, pois, mesmo na produção individual dos artesãos encontramos produtos originados de reutilização. Sabe-se que o conceito de inovação social vai muito além das práticas exercidas na AFESOL, como por exemplo, a reutilização de resíduos para diminuir impactos ambientais. Porém, o grupo revela um grande potencial a ser explorado, na busca de um produto, ou método de produção com efeito duradouro e que solucione um problema emergencialmnte social,

Referências:

ANDION, Carolina. **Inovação social**. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). Dicionário para a formação em gestão social. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 98-102.

BRASIL. Secretaria Nacional de Economia Solidária - SENAES. Ministério do Trabalho e Emprego - MTE. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/ecosolidaria/o-que-e-economia-solidaria.htm>>

CASTOR, Belmiro Valverde Jobim. **Inovação social e desenvolvimento**. In: FARFUS, Daniele (org.). Inovações Sociais. Curitiba: Curitiba : SESI/SENAI/IEL/UNINDUS, 2007

CUNHA, Livia Maria da Silva. **Design sustentável: experiências empresariais**. 2008. 24 f. Monografia de conclusão de curso - Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil do Senai (Senai Cetiq). Rio de Janeiro, 2008.

DOWBOR, Ladislau; **Inovação social e Sustentabilidade**. In: FARFUS, Daniele (org.). Inovações Sociais. Curitiba: Curitiba : SESI/SENAI/IEL/UNINDUS, 2007

FARFUS, Daniele; ROCHA, Maria Cristhina de Souza; **Inovação social: um conceito em construção**. In FARFUS, Daniele (org.). Inovações Sociais. Curitiba: Curitiba : SESI/SENAI/IEL/UNINDUS, 2007.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho. **Economia Solidária**. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). Dicionário para a formação em gestão social. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014.

MARUER, Angela Maria. **As dimensões de inovação social em empreendimentos econômicos solidários do setor de artesanato gaúcho**. 2011. 191 f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

NUNES, Débora. **Incubação de empreendimentos de economia solidária: uma aplicação da pedagogia da participação**. São Paulo: Anna Blume, 2009.

RAMOS, A. G. **A Nova Ciência das Organizações**. Rio de Janeiro: FGV, 1981.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

SINGER, Paul. **Introdução a economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

TORRES, Lillian Cristina Cruvinel. **Acervo IESOL**: fontes para a história das trabalhadoras e trabalhadores de economia solidária na região dos Campos Gerais. folhas. Monografia de conclusão de curso - UEPG. Ponta Grossa, 2008.